



## CONSCIÊNCIA NEGRA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

Rosa Marques<sup>1</sup>

“Sou negro/a, atabaque corre em minhas veias, a minha cor.  
É a força do Axé e do Candomblé.  
A minha vida, foi sempre lutar pela liberdade,  
Sonhada pelos meus ancestrais, que vieram da Mãe preta África.  
Lutaram junto com o valente Zumbi, foi ele quem nos libertou...”  
Afoxé Alafim Oió

Acordei pensando sobre o que representa para nós, agentes Cáritas, o **20 de Novembro: Dia Nacional da Consciência Negra**. No decorrer do dia fiquei buscando na memória o poderia fazer para que essa data não passasse despercebida na família Cáritas. E me indagava o que os regionais estariam fazendo nesta semana? Não me recorro de ter visto eventos, textos, mobilizações conjuntas com o movimento negro e/ou atividades referentes a esta data. Então pensei de que forma eu poderia contribuir para que nós, caritianos e caritianas, não deixássemos esse dia passar.

Talvez para muitos/as a história de Zumbi seja conhecida. Para mim ela não é apenas uma estória, é a memória da resistência e luta de um povo. Não quero mais ouvir ou ler e repassar o que vi durante toda minha infância e juventude nos livros didáticos: a luta dos escravos/as e de Zumbi tratada como lenda. A verdadeira história, para nós que fazemos parte de movimentos que lutam contra a discriminação racial e as desigualdades sociais, é a garantia de continuidade de um sonho, de esperança de uma sociedade mais justa, na qual as diferenças não sobreponham o direito.

É com esse intuito que trago nesse texto alguns aspectos importantes que proporcione orgulho ao nosso povo e reafirme esta data, fazendo que ela entre em nossos calendários anuais e possamos dialogar sobre o porquê desse Racismo em nosso meio, bem como a falsa democracia racial com o argumento de não precisarmos discutir o assunto. Então vamos lá.

Quando se vivencia a Semana Nacional de Consciência Negra, vem à tona inúmeros fatos que marcaram a efetivação desse calendário nacional: a luta contra a escravidão; contra a ideologia de “superior”(branco) e “inferior “ (negros); contra a idéia de branqueamento e mestiçagem proposta pelos intelectuais brasileiros; contra o racismo, a discriminação, o preconceito e a falsa democracia racial. A luta do Movimento Negro pelo fim do racismo, intolerância, xenofobia e pela igualdade de direitos é o marco dessa data. Essa luta vem de longe!

A data representa para nós, negros/as, a comemoração da Morte de Zumbi dos Palmares, e muito mais: a luta de todos e todas que atravessaram o Oceano Atlântico dentro dos porões do inferno de um navio negreiro até os recantos, esquinas, porões da vida cotidiana dos pretos e pretas desse país.

O dia de sua morte foi transformado em **Dia Nacional da Consciência Negra pelo Movimento Negro Unificado em 1978**. Não foi escolhida ao acaso, e sim como homenagem a Zumbi, assassinado em 20 de novembro de 1695, líder máximo do Quilombo de Palmares – o maior ícone da resistência ao escravismo no Brasil.

Lembro-me que, nos livros, Zumbi nunca foi visto como herói, nem tão pouco as mulheres negras como heroínas que construíram a história desse país. Para incrementar a visão negativada de sua

<sup>1</sup> Socióloga e assessora regional (DF) da Cáritas Brasileira.



história, ele era retratado como algo assustador, alma penada, “morto-vivo” ou com poucas referências de sua luta. Exemplificavam também a figura de Ganga-Zumba como traidor de Zumbi, anunciando uma desunião entre os próprios negros, sem que houvesse uma análise da conjuntura daquele momento e das relações entre os grupos.

Para entender o que representa a luta dos Quilombolas nos dias atuais e a importância do Quilombo de Palmares, Nascimento (1980, p.32) conceitua Quilombo como um movimento amplo e permanente que se caracteriza pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização socioeconômica e política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural.

Quando o Quilombo de Palmares foi formado, o mesmo pertencia a Pernambuco. Com a divisão das terras, ele passou a pertence ao Estado de Alagoas. Foram as palmeiras árvores agrestes que deram ao terreno o nome de Palmares. Delas se faziam vinhos, azeite, sal, roupas e suas folhas serviam para cobrir as casas, bem como o seu fruto alimento para o sustento dos Quilombos.

Era um Quilombo de difícil acesso, os soldados tinham que caminhar entre espinhos, matas espessas, precipícios, além da falta d’água, tornando-se impossível o acesso ao local. Destruir Palmares significava negros para serviço.

Palmares era composta pelas cidadezinhas: Macaco, centro político-administrativo; Subupira, campo de treinamento; Amaro, Andalaquituche, Aqualtune, Acotirene, Tabocas, Osenga, Dambragança e outros. Ficavam aproximadamente a cem quilômetros da capital Macaco e do campo de treinamento.

Entre o período de 1670 a 1687 Palmares foi governada pelo Rei Ganga-Zumba (que quer dizer Senhor Grande – Rei e Senhor de todos os que são de Palmares, e dos que chegam) que vivia na fortaleza Quilombola do Macaco, fundada em 1642.

*Onde houve escravidão, houve resistência. E de vários tipos. Mesmo sob ameaça de chicote, o escravo negociava espaços de autonomia, fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantações, agredia senhores e feitores, rebelava-se individual e coletivamente. Houve um tipo de resistência que poderíamos considerar a mais típica da escravidão [...] trata-se das fugas e formação de grupos de escravos fugidos [...] essa fuga aconteceu nas Américas e tinha nomes diferentes: na América espanhola: Palenques, Cumbes; na inglesa, Maroons; na francesa, grand Marronage e petit Marronage [...]; no Brasil, Quilombos e Mocambos e seus membros: Quilombolas, Calhambolas ou Mocambeiros. (REIS, 1996, p.47).*

Entre tantos conflitos para acabar com as organizações dos quilombos, Ganga-Zumba sofre pressão do governador para entregar-se, caso contrário os ataques continuariam. Os oficiais propunham um acordo a Ganga-Zumba prometendo segurança, um bom tratamento, a demarcação das terras e a devolução das suas mulheres e filhos.

Temos três versões da história: uma que Ganga-Zumba aceita a proposta; a segunda que o acordo não foi cumprido e Ganga-Zumba foi pego e, depois de muitas torturas, trai o seu povo; e, por fim, a que o quilombo dele foi destruído e ele foge, deixando suas armas.

O que significa para nós estas três versões? Um guerreiro que lutava contra a escravidão e cuidava do seu Quilombo aceitaria fazer parceria como seu escravizador? Que condições ele foi exposto



para trair seu povo? Podemos dimensionar a dor e a força de um homem ou de uma mulher no momento de tortura e pressão? E se fosse você esse guerreiro/a, o que faria sobre pressão e tortura?

### **QUEM FOI ZUMBI?**

Zumbi nasceu nos Palmares no ano de 1655. Capturado com poucos meses de vida, foi entregue ao padre Antônio de Melo, em Recife, que, ao batizá-lo, deu-lhe o nome de Francisco. Criado pelo religioso, recebeu noções de latim e conhecia bem o português.

Segundo Freitas (2004) Zumbi significa **DEUS DAS ARMAS**, negro de singular valor, grande ânimo, constância admirável, e inimigo capital da dominação dos brancos.

Em 1670, Zumbi fugiu para Palmares. Aos 19 anos tornou-se general para liderar os guerreiros e assumir o poder no quilombo. Ele intensificou a luta contra os proprietários, as autoridades, o sistema colonial e a escravidão. Zumbi recusou-se a aceitar as negociações de paz entre Palmares e exército colonial, sob o comando do bandeirante Domingos Jorge Velho. Na noite de 6 de fevereiro de 1694, os canhões de Domingos Jorge Velho atingiram o Quilombo Macaco, destruindo o último reduto de Palmares. Zumbi, aos 39 anos de idade, conseguiu escapar com vida, mas foi capturado, lutando sem hesitação, porém é baleado e consegue fugir.

Antônio Soares, um tenente de Zumbi, foi pego pelos moradores de Penedo, que o entregou a André Furtado de Mendonça, auxiliar de Jorge Velho. Após sofrer torturas, acabou por aceitar as normas impostas para denunciar Zumbi como condição para obter a sua própria liberdade. O mesmo conduziu André Furtado até a Serra Dois Irmãos, onde Zumbi estava escondido. Como poucos conheciam Zumbi ou dele se aproximavam, era necessário alguém de sua intimidade para poder identificá-lo. A mando do governador Mello e Castro, Furtado de Mendonça degola Zumbi e leva a cabeça do guerreiro para Recife (PE)<sup>2</sup>, onde ficou exposta em praça pública, erguida no alto de uma vara em 20 de novembro de 1695.

Nessa luta travada por Zumbi nos quilombos pela liberdade, inúmeras mulheres guerreiras estavam presentes fazendo história. Não desmerecendo a grandeza de seu papel, do líder que era Zumbi e tantos outros guerreiros, é importante ressaltar a participação das mulheres, pois a nossa história por vezes omite a contribuição das mesmas na luta pela liberdade e pelos direitos.

Aqualtune, Acotirene (lideranças dos Quilombos que trazem os mesmo nomes) e tantas outras mulheres que fizeram e fazem dessa luta um sonho de um mundo melhor e mais justo estavam, também,

### **PRESENTES!**

A luta é contínua e árdua, principalmente quando ainda vivenciamos no Brasil desigualdades devastadoras para esse grupo étnico. Segundo a representante da Organização Internacional do Trabalho (OIT), Solange Sanches, a discriminação racial pode ser explicação para as diferenças de acesso ao mercado de trabalho e de rendimentos entre brancos e negros. "A escolaridade para a população negra não tem o mesmo valor no mercado de trabalho do que para a população branca. A remuneração não se iguala com a de brancos quando há qualificação de negros".

Ricardo Henriques, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada da Universidade Federal Fluminense, diz que a "falta de acesso (ou o acesso desigual e limitado) ao trabalho, à infraestrutura e aos serviços sociais (tais como educação, saúde, habitação, saneamento básico) faz com que a população negra seja sobre-representada entre os pobres". É por todo esse contexto histórico, atual, que

<sup>2</sup> Na Praça do Carmo. Hoje se encontra um busto em homenagem a Zumbi e é também um dos locais onde se encerra a Semana Nacional de Consciência Negra.



referenciamos esse dia como Dia Nacional de Consciência Negra, mola impulsionadora para não enfraquecermos frente às armas brancas criadas para nos sucumbir.

Viver este dia, ter consciência é uma questão política de afirmação de nossa identidade negra.

Então, Viva Zumbi! Viva Acotirene, Aqualtune! E todas nós mulheres negras e homens negros que acreditam que esse mundo ainda tem jeito.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

**BENTO, Maria Aparecida.** Cidadania em Preto e Branco. Editora: ÁTICA LTDA  
Edição: 1998

**FERNANDES, Florestan** - A Integração do Negro na Sociedade de classes; Editora Àtica, 1986.

**FREITAS, Décio.** República de Palmares: pesquisa e comentários em documentos históricos do século XVII. Maceió: EDUFAL; IDEÁRIO, 2004.

**HALL, Stuart.** [Identidade Cultural na Pós Modernidade, A](#). Editora: Empório do Livro. 2005.

**ILÊ AIYÊ.** Caderno de educação terra de Quilombo. Salvador, v.8, 2000.

**NASCIMENTO, Abdias.** O Quilombismo. Petrópolis: Vozes, 1980.  
**PRICE, Richard.** Palmares como poderia ter sido. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). Liberdade por um fio: história do quilombo no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

**REIS, João José.** Uma história da liberdade. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). Liberdade por um fio: história do quilombo no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

**OIT.** Disponível em: <[www.oit.org.br](http://www.oit.org.br)>. Acesso em: 19 nov.2006